



ARTIGOS / ARTICLES

A ÉTICA DO DISCURSO EM JÜRGEN HABERMAS

Amauri de Campos Junior¹

Irineu Letenski²

RESUMO: O presente artigo procura retratar a relação da filosofia com a linguagem, procurando apresentar em que consiste a racionalidade ético-comunicativa, sem deixar de averiguar a influência e o impacto de seu pensamento na história e no desenvolvimento filosófico. Desta maneira, nosso estudo almeja apresentar a obra *Ética do Discurso*, de Jürgen Habermas que se tornou o cerne da sua filosofia e de seus posteriores escritos. Diante do problema da comunicação em nossos dias entre os indivíduos, é necessário de alguma maneira auxiliar o ser humano nas suas relações facilitando a garantia de diálogo e de consenso, resgatando e garantindo uma ética universal. Assim, procuramos demonstrar alguns pontos da teoria habermasiana por meio de um levantamento bibliográfico das suas obras e dos seus comentadores para explorar os conceitos de sua filosofia que nos ajuda a compreender seu pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Escola de Frankfurt; Ética do Discurso; Razão; Comunicação.

No século XX, a ética sofreu algumas influências, principalmente, uma reviravolta da linguagem com uma interferência existencialista e estruturalista, com forte impacto do pensamento do filósofo Martin Heidegger (1889-1976).³ Desta maneira, a adoção do paradigma da linguagem como matriz da análise filosófica do discurso ético ou da possibilidade do discurso filosófico no domínio ético se torna um caminho racional para responder aos desafios humanos, e lança luzes para a resolução de conflitos relacionais numa sociedade cada vez mais globalizada.⁴

Dentro dessas perspectivas, temos a segunda corrente da ética do discurso formada por

¹ Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e em administração de empresas pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); e graduando em teologia pelo Claretiano – Centro Universitário. Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Irineu Letenski. E-mail: amaurijunior.contato@gmail.com

² Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e na Faculdade de Tecnologia de Curitiba (FATEC-PR). E-mail: irineule@gmail.com

³ Cf. VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV: introdução à Ética Filosófica* 1. São Paulo: Loyola, 2008, p. 441.

⁴ Cf. *Ibid.*, p. 442.

Karl-Otto Apel (1922-2017) e J. Habermas, tendo a matriz de sua filosofia à problemática da linguagem, onde o paradigma linguístico-comunicativo tem possibilidade de uma comunidade universal de comunicação. Tanto para K. O. Apel quanto para J. Habermas é no campo ético, que abrange o social, o político e a moral inerentes à ação humana e manifestadas na linguagem, que geram consenso resultante da livre discussão onde será o lugar teórico e, portanto, o fundamento de uma linguagem normativa dotada de validade universal e de natureza consensual.⁵

O projeto da ética do discurso propõe a possibilidade da construção de um discurso normativo de alcance universal, um discurso que se manifesta na linguagem do fundamento último do agir, especificamente ético, numa tentativa de reabilitação da razão prática na linha de uma fundamentação no paradigma linguística, ao qual a ética do discurso almeja responder a esse novo modelo de civilização. J. Habermas destaca o traço dominante das sociedades pós-industriais manifestada pela difusão universal da comunicação, consequência de uma ética do discurso e uma lógica da livre discussão.⁶

Como fundamentar sobre o consenso uma ética do discurso que responda às exigências éticas de uma civilização da livre comunicação? O problema ético encontra sua solução nas estruturas da linguagem, assim a ética do discurso é uma tentativa filosófica ampla e coerente de uma ética universal edificada sobre bases não metafísicas de sentido clássico, desta forma, a ética do discurso é uma proposta de fundamentação de uma ética universal da ação numa civilização da razão.⁷

Uma pessoa só pode ser livre se todos os demais o forem igualmente, assim à racionalidade dependa da intersubjetividade, por isso, a ética do discurso⁸ é uma teoria filosófica como um projeto ético-moral baseada na responsabilidade e com luzes no horizonte de autonomia da subjetividade. Outro desafio é a mudança de paradigma, ou seja, é princípio de seu pensamento, pois não alcançamos o ideal de emancipação, e as promessas de liberdade e igualdade, principalmente, numa intencionalidade da ética com argumento dialógico que pressupõe dois paradigmas, a subjetividade e a comunicação.⁹ Abandonar a filosofia da subjetividade é almejar uma liberdade autônoma, é trabalhar pela dimensão de aceitação e reconhecimento com responsabilidade pessoal, sem dizer

⁵ Cf. VAZ, *op. cit.*, 2008, p. 445.

⁶ Cf. *Ibid.*, p. 446.

⁷ Cf. *Ibid.*, p. 447.

⁸ Cf. HABERMAS, Jürgen. *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 4.

⁹ Cf. *Ibid.*, p. 5.

no diálogo e no consenso, já que o discurso prático pode ser aplicado através do imperativo categórico, já que o ato de liberdade surge como parte da consciência de um único sujeito, no sentido enfático, uma pessoa só pode ser livre se todas as demais o forem igualmente.¹⁰ Na prática argumentativa deve prevalecer a cooperação, ao qual nos pressupostos pragmáticos da discussão temos dois fatores indispensáveis, a liberdade comunicativa e a busca de um consenso, assim a práxis argumentativa realiza um vínculo social, abrangendo a racionalidade comunicativa como paradigma da comunicação, e desta maneira, a ação comunicativa envolve de certa forma os sujeitos que falam e interagem entre si.¹¹

A justificação última e aplicação dos princípios da ética da discussão permeia um modelo de política deliberativa, que primeiro é caracterizado por condições econômicas, sociais e culturais que garantem uma participação abrangente e competente no discurso, e segundo, aceita normas intersubjetivamente reconhecidas.¹² A história apresenta uma interpretação dinâmica e evolutiva da modernização social e cultural, principalmente, porque o contexto cultural forma a identidade do sujeito e há uma oposição entre a ação comunicativa e o sistema social econômico, tudo isso se manifesta nos três veículos da sociedade, que é o dinheiro, o poder e a solidariedade.¹³

O paradigma linguístico é uma alternativa ao paradigma mentalista, só a linguagem pode ser o veículo intersubjetivo pelo qual os significados tomam corpo, realista segundo viés pragmático, no entanto, há um mundo que é mais ou menos o mesmo para todos, sendo assim o aspecto pragmático do diálogo, constitui o próprio lugar da racionalidade comunicativa.¹⁴ A linguagem e a realidade se interpenetram, ou seja, noção de verdade com coerência, os discursos são como máquinas de lavar que filtram aquilo que é racionalmente aceitável para todos, assim o mundo moral que nós na qualidade de pessoas morais temos de produzir juntos tem um sentido construtivo.¹⁵

Os filósofos podem, em primeiro lugar, contribuir para o discurso sobre a modernidade, à luz do qual as sociedades complexas alcançam uma compreensão melhor do passado e presente, podendo reivindicar para si uma especial competência para analisar as questões de injustiça política e social, até de exclusão cultural.¹⁶

¹⁰ Cf. HABERMAS, *op. cit.*, 2004, p. 13.

¹¹ Cf. *Ibid.*, p. 20.

¹² Cf. *Ibid.*, p. 28.

¹³ Cf. *Ibid.*, p. 38.

¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 52.

¹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 66.

¹⁶ Cf. *Ibid.*, p. 68.

O conteúdo racional de uma moral baseada no mesmo respeito por todos e na responsabilidade solidária geral de cada um pelo outro, assim a inclusão do outro, significa que as fronteiras da comunidade estão abertas a todos, também e justamente àqueles que são estranhos um ao outro, e querem continuar sendo estranhos. Julgamos ações e intenções como boas ou más, enquanto o vocabulário das virtudes se refere às características das pessoas que agem.¹⁷

O relacionamento comunicacional marca o moral, enquanto membro da comunidade universal dos fiéis está solidariamente unido ao outro, como companheiro, como um dos nossos; como indivíduo insubstituível eu devo ao outro o mesmo respeito, como uma entre todas as pessoas, que merecem um tratamento justo enquanto indivíduos inconfundíveis. A solidariedade baseada na qualidade de membro lembra o liame social que une a todos, um por todos, à vontade e a razão são, pois, os conceitos básicos dos enfoques da teoria da moral.¹⁸

O ator age racionalmente quando o faz a partir de razões, e quando sabe por que está seguindo uma máxima, assim a língua funciona, aliás, como o mais importante meio de coordenação das ações, passando por uma influência mútua, qual seja o consenso, ou o próprio entendimento discursivo.¹⁹ A autonomia é a capacidade de agir orientado por regras, a partir de motivos racionais, da perspectiva ética é possível reconhecer que não pode haver um bem viver fora de uma comunidade moral, onde a intersubjetividade passa a ocupar o lugar da prescrição transcendente, como práxis de entendimento cooperativo sem deixar de lado a boa vontade e a compreensão.²⁰

Os indivíduos esperam uns dos outros uma igualdade de tratamento, que parte do princípio de que cada pessoa considere cada uma das outras como um dos nossos, a partir dessa perspectiva, justiça significa simultaneamente solidariedade, assim o discurso racional acaba visando ao entendimento mútuo e do qual participam todos os envolvidos.²¹ A ética discursiva também tem um preço a pagar por isso; ela não pode nem conservar o teor moral íntegro das instituições religiosas, nem preservar o sentido realista de validação próprio às normas morais, ao qual a posição divina perdeu sua força moral.²² Um comum acordo por via discursiva depende simultaneamente do sim ou do não de cada

¹⁷ Cf. HABERMAS, Jürgen. *A Inclusão do Outro* – estudos de teoria política. São Paulo, 2002, p. 8.

¹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 19.

¹⁹ Cf. *Ibid.*, p. 31.

²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 36.

²¹ Cf. *Ibid.*, p. 46.

²² Cf. *Ibid.*, p. 47.

indivíduo, ou seja, do convencimento recíproco, isso representa uma atitude transobjetiva que respeita o tecido social, garantindo o sim e o não, que perpassa a compreensão de mundo, de verdade e de fundamentação, conotação que muda de perspectiva, de Deus para o homem.²³ O mundo social está entrelaçado com as intenções e opiniões, com a práxis e a linguagem de seus integrantes, pois a ética discursiva justifica o teor de uma moral do respeito indistinto e da responsabilidade solidária por cada um.

Propõe-se de saída à tentativa de estabelecer um conselho e desenvolver, sobre uma base profana, uma auto compreensão ética comum a todos, pois a justiça vincula a solidariedade, que passa pelo respeito como inclusão do outro em sua alteridade, que exige não apenas empatia, mas também uma intervenção interpretativa na auto compreensão e na compreensão do mundo caracterizando uma concorrência cooperativa.²⁴

1.1. Racionalidade ético-comunicativa

A filosofia está em crise, houve uma fragmentação após a modernidade e pensadores como J. Habermas almejam reconstruir a unidade da razão na multiplicidade de suas vozes, através de uma racionalidade ético-comunicativa.²⁵ A razão acabou reduzindo-se aos jogos de linguagem locais e às regras do discurso que manipulam as relações entre os sujeitos, reconstruindo um conceito de razão através da linguagem, assim J. Habermas defende o abandono do paradigma da relação S-O, substituindo por uma relação comunicativa entre S-S.

A crise da filosofia é por causa da fragmentação da razão, a cultura moderna fragmentou a razão, reduzindo-a a um conhecimento cognitivo-instrumental, o discurso da modernidade, além de incapaz de reorganizar o caos que atinge a todos, coisificando não apenas o mundo, mas, inclusive, o ser humano, sendo necessário que o discurso seja coerente e tome forma, tornando a ética do discurso numa ética da interação e responsabilidade.²⁶ A Escola de Frankfurt transforma a filosofia em teoria crítica da sociedade, assim se a filosofia for transformada em ideologia da passividade, coloca em risco a liberdade do sujeito e da sociedade, porque o agir comunicativo tem como ideia

²³ Cf. HABERMAS, *op. cit.*, 2002, p. 50.

²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 58.

²⁵ Cf. PIZZI, Jovino. *Ética do Discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 10.

²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 13.

transformar a razão instrumental numa práxis comunicativa com interesse emancipatório. A reflexão da Escola de Frankfurt é a preocupação com o desencantamento do mundo, pois a razão tornou-se repressiva e atrofiada, porque sustenta a crença de que o avanço da ciência e da tecnologia resolver todos os problemas da vida, levando em conta a sociedade no seu conjunto, e não apenas de uma classe. A teoria crítica tenta redefinir o conceito de razão – tanto na dimensão teórica como no plano da prática, com o desenvolvimento maciço da sociedade tecnológica avançada, isso provocou uma ruptura entre pensamento e prática.²⁷

O iluminismo ficou paralisado, prevalecendo à ideia de técnica e não crítica se perdeu a confiança na razão, porque esta ficou reduzida à um mero instrumento, a razão se tornou incapaz de fundamentar ou propor a discussão em torno de uma ética que oriente o agir, assim os frankfurtianos criticam a razão iluminista, porque desumaniza o homem e não o ilumina, pois no iluminismo há a pretensão do homem em racionalizar o mundo, tornando-o manipulável. A Escola de Frankfurt faz uma investigação social, assim a Teoria Crítica é um confronto com a filosofia tradicional, crítica metodológica do sistema social e o interesse na organização racional da atividade humana.²⁸

A crise que transformou a razão numa ‘razão em cacos’ produziu um clima de incerteza e de paralisia geral, criando um ambiente de incapacidade psíquica, tal vulnerabilidade dos indivíduos deteriorou o psiquismo, gerando desespero para garantir a sobrevivência de si mesmo, considerando a história como algo pré-determinado, deforma a linguagem, e a incapacidade de pensar o novo deriva um comportamento patológico, reforçando a epistemologia da dominação.²⁹

A racionalidade ético-comunicativa ultrapassa a filosofia da consciência, pois reúne sujeitos solidários para um consenso com uma exigência linguística e intersubjetiva, ao qual a unidade da razão do sujeito passa para uma argumentação discursiva, porque a sociedade moderna transformou a ciência e a tecnologia em instrumento de dominação da natureza e do próprio homem. Para J. Habermas, devemos reabilitar a razão e os sujeitos em indivíduos comunicativos para que assumam um processo de comunicação linguístico, assim entre consenso e acordo há uma proximidade, referem-se a uma comunidade comunicativa de sujeitos que falam e agem.³⁰

²⁷ Cf. PIZZI, *op. cit.*, 1994, p. 21.

²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 23.

²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 28.

³⁰ Cf. *Ibid.*, p. 33.

Para J. Habermas, o tema fundamental da filosofia é a razão, desta maneira, defende a relação S-S como um processo comunicativo, já que acabou sendo negado pela razão instrumental, e a ética do discurso tenta estruturar uma teoria da racionalidade amparada naquilo que ele chama de razão comunicativa, ou seja, uma ética do viver bem entre indivíduos capazes de linguagem e ação. Para ultrapassar a filosofia da consciência, introduz o conceito de sujeito comunicativo, utilizando-se da metacrítica da consciência como pré-compreensão da práxis comunicativa.³¹

J. Habermas quer transformar o sujeito moral em sujeito da práxis comunicativa, pois para ele a filosofia tem a competência de recuperar a comunicação livre de qualquer coação, reconstruindo o princípio da emancipação das pessoas e da sociedade através do diálogo, porque o sujeito deve falar e agir. Para J. Habermas, o positivismo assinala o fim da teoria do conhecimento, pois impede uma autorreflexão epistemológica, principalmente, porque o positivismo reduz o sujeito ao nível da experiência dos fatos empíricos, é uma redução fenomenalista que inibe a condição humana.³²

Na concepção de racionalidade, J. Habermas defende que o sujeito é alguém capaz de participar na vida da comunidade de modo pleno e livre, para integrar-se na rede de relações comunicativas, sem o risco de ameaçar a ação com respeito a fins, porque a ação comunicativa é a inter-relação em toda a sua latitude do cotidiano, das expectativas morais, das expressões e valorações do contexto do mundo vivido, a partir da ação comunicativa será possível uma ética capaz de reverter o quadro patológico da racionalidade.³³

A ciência e a técnica se tornam um meio de repressão social, assim a razão deve existir a partir de uma reflexão pura e de uma atividade prática, para entender a racionalidade ético-comunicativa, necessitamos de um conceito amplo de racionalidade que lhe permita uma visão global da sociedade, não se atendo estritamente ao enfoque econômico da teoria social, nem desconsiderando a subjetividade ou a própria intersubjetividade do homem. A autonomia da razão é ato de autorreflexão no qual o Sujeito se compreende como centro da própria consciência e da realidade que o envolve, buscando um novo conceito que possibilite a harmonia entre a unidade e a universalidade.³⁴

A reflexão sobre a linguagem tenta conciliar a linguagem com a postura reflexiva da

³¹ Cf. PIZZI, *op. cit.*, 1994, p. 35.

³² Cf. *Ibid.*, p. 52.

³³ Cf. *Ibid.*, p. 53.

³⁴ Cf. *Id.*

filosofia transcendental, e J. Habermas tentou articular a teoria do agir comunicativo mediando elementos da filosofia transcendental moderna e elementos da filosofia da linguagem para fundamentar a teoria crítica da sociedade, desta maneira, utiliza o pragmatismo universal para produzir ou gerar situações possíveis de fala, reconstruindo sistematicamente as estruturas gerais.³⁵

O pragmatismo universal é uma nova postura metodológica de uma ciência reconstrutiva, onde o ato de fala é uma forma de sentença, a compreensão se realiza quando os sujeitos envolvidos atingem o nível de intersubjetividade e o nível dos objetos, ou seja, eles se entendem. O entendimento no nível da intersubjetividade sobre o sentido pragmático determinado da comunicação, no qual se relacionam às estruturas da situação da fala e em relações dialogais, onde os sujeitos são capazes de falar e de agir.³⁶

J. Habermas distingue duas formas de comunicação, a ação comunicativa ordinária que realiza a validade das conexões de sentido para trocar informações, e o discurso que é crítico, trata a problematização das pretensões de validade, conduzindo a uma compreensão legitimizada. Desta forma, a análise é de que qualquer sujeito é capaz de ação com sua responsabilidade pessoal, porque é importante olhar o outro sujeito com os olhos com os quais olhamos ao outro sujeito da relação, assim sem a intersubjetividade o outro sujeito é tratado como um objeto.³⁷

Na vida concreta do homem há sempre desvios e no fenômeno central da vida humana temos a ideologia, o trabalho paradoxal das ideologias tem como paradigma individual a perturbação neurótica, pois a ideologia é a limitação sistemática da comunicação formadora do consenso, assim a finalidade do discurso é atingir um verdadeiro consenso, em relação aos meios linguísticos do próprio discurso.³⁸ Para superar a consciência ideológica é necessário anteciparmos a responsabilidade dos sujeitos agentes para uma situação linguística ideal, pois a realidade é a soma de todos os estados de coisa sobre os quais proposições verdadeiras são possíveis, resta-nos vincular a questão da intersubjetividade à questão da verdade.

A verdade ou falsidade dizem respeito a proposições sempre inseridas num ato de fala, o discurso não se propõe a dar informações, mas argumentos, e a definição de verdade é a pretensão de validade que ligamos a uma proposição, enquanto a afirmamos,

³⁵ Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo De. *Reviravolta Linguístico-Pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 296.

³⁶ Cf. *Ibid.*, p. 301.

³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 305.

³⁸ Cf. *Ibid.*, p. 307.

principalmente, com sujeitos capazes de ação linguística que requer responsabilidade. No entanto, a verdade consensual se destaca pela realidade como soma de todos os estados de coisa sobre os quais proposições verdadeiras são possíveis.³⁹

Entre verdade e discurso há uma conexão estrutural necessária, para J. Habermas, a verdade pode ser legitimada discursivamente, por meio de argumentos, e a situação linguística ideal, fundamenta-se na compreensão linguística, pois o consenso legitimado é um consenso racional.⁴⁰ O consenso há entre ambos os sujeitos, ou seja, no contexto de ação e nível do discurso, e a responsabilidade no mundo público de sua comunidade linguística, é a racionalidade que se dá no falar e no contexto da ação.

Basicamente, o discurso é uma situação de linguagem ideal, e a estrutura da comunicação só produz pessoas quando há, para todos os possíveis participantes, uma distribuição simétrica das chances de escolher os atos de fala e realizá-los. Assim o status teórico da pragmática universal, tenta articular e fundamentar uma concepção ampliada de razão, que supere o reducionismo de uma razão exclusivamente entendida em sentido objetivista e instrumental – problemática da linguagem.⁴¹

A meta da compreensão é a produção de um consenso que culmina na unidade intersubjetiva da compreensão recíproca, do saber participado, da confiança mútua e do acordo recíproco, pois o falante deve escolher uma expressão compreensível, a fim de que falante e ouvinte possam compreender-se mutuamente.⁴² O consenso se fundamenta na compreensibilidade, na verdade, na veracidade e justiça, pois qualquer agente comunicativo, na execução de qualquer ação linguística, levanta pretensões universais de validade e deve pressupor sua legitimação.

A ciência empírico-analítica da linguagem e a ciência reconstrutiva é a passagem da consciência de regras implícitas de qualquer falante competente para um saber explícito – análise lógica da dimensão pragmática, nesse sentido a pragmática universal pretende ser uma reconstrução das condições universais e necessárias de possíveis processos de compreensão, sendo assim a consideração da dimensão pragmática como a dimensão central da linguagem humana. Desta maneira, o mundo vivido emerge, como condição de possibilidade do processo comunicativo, ou seja, num sentido intersubjetivo partilhado,

³⁹ Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo De. *Reviravolta Linguístico-Pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 310.

⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 314.

⁴¹ Cf. *Ibid.*, 1996, p. 321.

⁴² Cf. *Ibid.*, p. 322.

constituídos pela linguagem e pela cultura.⁴³

Assim a reviravolta linguística é a razão comunicativa numa tentativa de recuperar a razão, sem dizer que a renovação da tradição depende do espírito crítico e dos indivíduos, portanto, um sujeito capaz de falar e agir, capaz inclusive de participar de processos comunicativos, orientados para o entendimento que afirmam sua própria identidade.⁴⁴

A mudança da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem se torna a reviravolta linguística que constitui o horizonte do pensamento contemporâneo, a intersubjetividade está no centro da reflexão filosófica, onde a razão comunicativa é imanente e transcendente. A linguagem é a mediação para objetivações histórico-culturais do espírito humano, é preciso hoje pensar a unidade da razão não como repressão, mas como fonte de multiplicidade de suas vozes.⁴⁵

A ética do discurso tenta superar o modelo de razão fundada numa lógica dura, que só persegue fins em função de valores particulares, superando formas de razão determinada por cosmovisões metafísicas ou religiosas de caráter puramente transcendente. J. Habermas está tanto entre um âmbito empírico quanto transcendental, ao qual um sujeito gerado pela natureza e formado socialmente, da comunidade de investigadores que tratam de realizar comunicativamente sua tarefa comum, é sujeito da comunicação e da intersubjetividade comunicativa entre falantes e ouvintes.⁴⁶

Outro ponto é a atitude crítica, que é a interpretação, que viabiliza a mediação linguística, facilitando o diálogo entre os sujeitos da ação, esses sujeitos são os comunicativos, saída que J. Habermas encontrou para superar o fundo dogmático da razão instrumental, no fundo é um paradigma da comunicação. Este paradigma da comunicação é fundamental para a ética do discurso, pois processa a intersubjetividade entre quem fala e age, ajudando o sujeito na capacidade de assumir um duplo enfoque com relação ao mundo dos objetos possíveis.⁴⁷

A racionalidade ético-comunicativa desmitifica e critica o agir do tipo instrumental, o sujeito realiza um ato de fala e o ouvinte toma posição com relação a este fato, para J. Habermas, tal paradigma amplia as possibilidades de coordenar as ações sem recorrer à coerção e de solucionar os conflitos da ação, numa razão situada na história e na sociedade, configurada no entendimento linguístico, assim a razão comunicativa é

⁴³ Cf. OLIVEIRA, *op. cit.*, 1996, p. 331.

⁴⁴ Cf. *Ibid.*, p. 336.

⁴⁵ Cf. *Ibid.*, p. 348.

⁴⁶ Cf. PIZZI, *op. cit.*, 1994, p. 53.

⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p. 54.

sinônimo de agir comunicativo.⁴⁸ As ações comunicativas são coordenadas e devem ser desenvolvidas através da linguagem, deve-se fazer uma opção por uma hermenêutica que supere uma filosofia da história meramente contemplativa da verdade.

K. Marx influencia J. Habermas no sentido de trazer a reflexão filosófica para o mundo da história-prática tanto do agir como do falar, onde há a necessidade de um processo de auto formação do sujeito, que se produz a si mesmo na relação intersubjetiva, mediada linguisticamente. Contando com uma mudança metodológica, centrando-a na ação humana, que ocorre por meio da evolução e do desenvolvimento da autoconsciência das relações sociais, admitindo o nexos entre os avanços da racionalidade técnica e o mundo vital social ou a práxis social.⁴⁹

A contribuição metodológica da hermenêutica, é a de ampliar a tarefa da interpretação, descentralizando a compreensão do mundo, nesse paradigma da comunicação e das relações comunicativas, acaba conferindo ao sujeito a capacidade de entender-se com os outros, e a pragmática universal, estrutura o agir humano tendo em vista uma teoria da racionalidade mais ampla, ultrapassando o nível de interesses meramente imediatos e individuais de cada sujeito. Outro elemento importante é a chave hermenêutica, que tem um papel de natureza histórica da compreensão e obriga a refletir sobre as relações da teoria com a história, dependendo das decisões e ações concretas dos sujeitos.⁵⁰

Para J. Habermas, sua teoria social crítica, tem como finalidade a análise, com intenção prática, da orientação histórica da sociedade contemporânea, almejando uma relação entre teoria e práxis, onde o sujeito possui a priori, a possibilidade de um acordo isento de coação entre sujeitos que se comunicam linguisticamente, sem dizer da intersubjetividade, ao qual o sujeito particular faz sentido enquanto é capaz de linguagem e ação, mediados por uma moralidade que unifica, ao mesmo tempo, a lógica do discurso e a práxis da vida. Tendo como fundo a teoria da evolução social, numa reconstrução racional e sonhando com uma comunidade ideal, onde a ação tornada ética, o mundo ético é regido pela razão e há o interesse prático-comunicativo que requer um contexto interativo, ou seja, a universalidade do princípio da razão.⁵¹

A racionalidade ético-comunicativa parte da Teoria Crítica que almeja ser uma alternativa para o desencantamento do mundo moderno, iniciando nas estruturas sociais,

⁴⁸ Cf. PIZZI, *op. cit.*, 1994, p. 55.

⁴⁹ Cf. *Ibid.*, p. 56.

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 57.

⁵¹ Cf. *Id.*

passando pela mudança do paradigma da filosofia da consciência introduzindo o paradigma da linguagem, pois a argumentação pode superar os conflitos da ação, num discurso que se refere às questões práticas. A filosofia não precisa renunciar inteiramente à relação com o todo, situando-se no mundo da vida, ao qual a racionalidade comunicativa pretende resgatar a razão como um elo unificador, a partir de si própria, sem negar a existência do mundo material, das sensações, das paixões, da historicidade e da subjetividade.⁵²

A ética do discurso defende que os sujeitos possam falar e agir livremente, ou seja, efetiva uma interação intersubjetiva que permite garantir o consenso, assim a intersubjetividade comunicativa almeja superar a fragmentação da razão. O sujeito é iniciador e produto, essa socialização preserva a identidade da personalidade individual, permitindo o relacionamento consigo, com os outros e com as coisas.⁵³

A comunicação é produto da tematização das situações reais, em que os sujeitos capazes de linguagem e de ação se dispõem a um entendimento possível, ser sujeito significa assegurar sua própria individualização diante dos demais, numa relação paradoxal entre o sujeito que fala e o sujeito que ouve. A reciprocidade pressupõe que o sujeito comunicativo tenha consciência de que está diante de outro que é também sujeito comunicativo, capaz de linguagem e ação – formam um nós, pois a teoria social transcende a esfera do conhecimento da natureza, onde cada sujeito vive, fala e atua com os outros.⁵⁴

A passagem da filosofia da consciência para a do agir comunicativo faz com que o sujeito passe a ser articulado num mundo no qual o ego se encontra numa relação interpessoal, o agir comunicativo afirma a identidade e a não identidade do eu e do outro, principalmente, no que é comum entendimento, pois a interação intersubjetiva faz com que o sujeito fale e atue voltado para o outro. O sujeito é como ator dentro do mundo, assim a ética do discurso é uma investigação científica através de uma antropologia e uma filosofia social, estabelecendo princípios regulativos para sua orientação no mundo e reconstrução da história.⁵⁵

Para J. Habermas, a reabilitação da razão ocorre à medida que o horizonte do mundo vivido não se restringe ao enfoque da técnica e das ciências, mas enquanto o homem, que

⁵² Cf. PIZZI, *op. cit.*, 1994, p. 58.

⁵³ Cf. *Id.*

⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 59.

⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 61.

está no mundo, e é sujeito privilegiado em relação às demais coisas, desta maneira, a ação comunicativa se caracteriza, portanto, pelo processo que se refere a algo no mundo objetivo, social e subjetivo.⁵⁶ Tanto a Escola de Frankfurt quanto a Teoria Crítica apresentam alternativas para o agir humano, assim a ética de J. Habermas é estruturada a partir do contexto da universalidade do mundo vivido, desta forma, a teoria do agir comunicativo rompe com a razão bipartida, reformula o modelo kantiano, ao qual o agir comunicativo requer uma práxis que possa situar a razão num contexto histórico, projetando uma situação ideal.

A racionalidade ético-comunicativa preza pela liberdade e o desenvolvimento do sujeito autônomo, a razão pode ser um poder que destrói a capacidade crítica e que ratifica a dominação do homem sobre o homem. Desta forma, J. Habermas rompe com a objetividade racional, propondo uma racionalidade que ultrapassa os limites de si própria, o agir comunicativo se transforma em condição chave, para que os sujeitos possam realizar os acordos em comum.⁵⁷

Para J. Habermas, o conceito de mundo de vida é o pano de fundo da estrutura básica comum a todos os sujeitos da comunicação, o agir comunicativo dispõe de um sujeito competente que pode se expressar de modo cognitivo, interativo e expressivo do uso linguístico, tornando-se uma compreensão descentrada de mundo.⁵⁸ O agir comunicativo abre aos sujeitos no mundo vivido a dimensão racional do saber, a solidariedade dos membros e a capacidade adulta de responder as ações com autonomia, vincular hermeneuticamente sua própria compreensão às estruturas simbólicas do próprio mundo vivido é essencial, senão o agir e as relações se tornam técnicas do dinheiro e do poder.⁵⁹

A ética do discurso estrutura uma racionalidade situada no contexto de uma práxis histórica, obedecendo à mediação linguística entre sujeitos que fala e age, deslinguistizar o sujeito é retirar qualquer responsabilidade sobre o falar e o agir, desumanizando o processo de comunicação. No capitalismo verificamos a substituição da comunicação linguística pelo dinheiro e pelo poder, assim a sociedade capitalista converte o agir humano em materialização institucional, num processo que busca a realização individual, tornando-se numa crise paradoxal, pois o Estado capitalista apenas conserva o sistema social como um todo, assim os fenômenos linguísticos se realizam

⁵⁶ Cf. PIZZI, *op. cit.*, 1994, p. 63.

⁵⁷ Cf. *Ibid.*, p. 66.

⁵⁸ O conceito mundo de vida é o horizonte de suposições de fundo intersubjetivamente partilhados, no qual todo processo de comunicação precedente está inserido.

⁵⁹ Cf. PIZZI, *op. cit.*, 1994, p. 71.

fora do mundo vivido, não considerando nem a tradição cultural nem os conteúdos que os sujeitos falam e agem.⁶⁰

J. Habermas critica uma racionalidade centrada no sujeito dividido e esfacelado, há uma substituição da ética do bem viver pela simples normatização racional das instituições, critica a racionalidade instrumental – vazio por dentro e agressivo por fora, gerando uma fragmentação da razão. J. Habermas procura interpretar a sociedade como um contexto que abrange o mundo vivido, formado por um saber intersubjetivo partilhado por seus membros, criando uma nova estrutura de comunicação, e assim a teoria da ação comunicativa substitui os símbolos das ações por meio do dinheiro e do poder – pela linguagem.⁶¹

O conceito de ação comunicativa defende que a tarefa de projetar uma nova racionalidade é da filosofia, desta forma, a teoria do agir comunicativo é o elo entre o mundo vivido e a práxis comunicativa, defendendo uma racionalidade que seja concreta na história e na sociedade através do corpo e da língua. Os três elementos básicos desse sistema é a cultura, a sociedade e a personalidade, que qualificam o indivíduo para participar da vida social, onde a resolução de conflitos no contexto interativo do agir é a ética do discurso, que almeja integrar unidade entre as culturas, entre o agir e o pensar, entre racionalidade teórica e prática.⁶²

Conclusão

Através da elaboração do presente estudo foi possível apresentar em que consiste a racionalidade ético-comunicativa, ou seja, como nova concepção de razão em Jürgen Habermas, verificando ao longo da pesquisa suas ideias fundamentais dentro do contexto da modernidade, com os desafios que envolvem a linguagem e seu papel na relação entre os sujeitos.

Desta forma, a teoria crítica da sociedade defendida pelos frankfurtianos, pretende apontar os problemas reais do homem refutando a ideia de reduzi-lo a um produto. Após a Segunda Guerra Mundial, e diante dos avanços tecnológicos e da ascensão do capitalismo, a modernidade acabou anestesiando a reflexão humana sobre seus enigmas existenciais, fazendo do homem uma máquina.

⁶⁰ Cf. PIZZI, *op. cit.*, 1994, p. 75.

⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 77.

⁶² Cf. *Ibid.*, p. 80.

Além disso, não podemos negligenciar a manipulação realizada pelo sistema econômico nas instituições e na vida das pessoas, gerando milhares de marginalizados e não se preocupando com o ser humano, apenas se importando com o poder, o dinheiro e com relações que produzem lucro a qualquer custo. Assim numa época em que o homem continua dominado, a racionalidade ético-comunicativa para J. Habermas almeja resgatar o sonho da liberdade e a emancipação do indivíduo por meio da razão, numa dimensão comunicativa do discurso, procurando defender o consenso e o diálogo entre os sujeitos como uma alternativa para encontrar a verdade que se dá numa relação de reciprocidade.

A obra *Ética do Discurso* e outros escritos sobre o pensamento habermasiano, fundamentando o papel da linguagem nas relações intersubjetivas, procurando de certa forma, resgatar e defender uma ética universal. Podemos dizer que o objetivo é propor uma nova mentalidade acerca da relação entre os sujeitos, principalmente, onde o discurso se manifesta na linguagem como fundamento último do agir, assim neste paradigma linguístico os sujeitos falam e agem conscientemente.

A racionalidade ético-comunicativa almeja para os sujeitos a liberdade e o desenvolvimento da autonomia diante da sociedade e de um sistema econômico que acaba instrumentalizando o agir humano. A teoria do agir comunicativo é o elo entre o mundo vivido e a práxis comunicativa, onde J. Habermas defende a mediação linguística em todas as relações, procurando emancipar o indivíduo.

De acordo com J. Habermas, estamos na modernidade, pois ela é um projeto inacabado, porque não houve um fato ou acontecimento na história que realizou a transição para um novo momento histórico, principalmente, quando se fala em termos como pós-modernidade ou pós-verdade. A saída para o individualismo presente em nossa sociedade é tornar os indivíduos em sujeitos comunicativos, alcançando o consenso e o diálogo por meio de um processo de emancipação e de relações mais solidárias.

Referências

HABERMAS, Jürgen. *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*. São Paulo: Martin Fontes, 2004.

HABERMAS, Jürgen. *A Inclusão do Outro*. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta Linguístico-Pragmática: na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

PIZZI, Jovino. *Ética do Discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV: introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo: Loyola, 1999.